

ALEGRE

ALEGRE. — Pov., mun. de Tianguá, com mais de 120 habitações.

ALEGRE. — Pov., mun. de Juazeiro do Norte, com 20 habitações.

ALFREDO DUTRA (Ex-AÇUDINHO). — Estação da EFB, no mun. de Baturité, no km 112,446, a 162 m de altitude, inaugurada a 23-12-1921. A princípio chamou-se Açudinho, do sít. onde foi localizada, a 9 km da cid. de Baturité, de propriedade do cel. Alfredo Dutra, progressista agricultor, cujo nome seria dado mais tarde à estação ferroviária.

ALGODÕES. — Rch. (dos), no mun. de Quixeramobim. Vem das quebradas da sa. de Santa Rita, banha o dist. e v. de Maniuba, recebe pela esq. o Boa Vista e deságua à esq. do Forquilha, perto da foz deste no Quixeramobim.

ALGODÕES. — Rch. (dos), mun. de Sobral, dist. de Aracatiagu, afl. da m. esq. do Bilheira.

ALGODÕES. — V. MANITUBA.

ALGODOIM. — La. (do), no mun. de Trairi, à m. dir. do Mundaú, para onde verte o seu desaguadouro.

Nota. — Amendoim, erroneamente, no MIN.

ALMAS. — Pt. (das), a L da barra do Timonha, no mun. de Chaval.

ALMAS. — Ens. (das), formada pela pt. do mesmo nome. Semeada de parcéis.

ALMAS. — Ste. (das), a O dos limites da bacia do Quixeramobim, no grupo de serranias do centro do Estado.

ALMAS. — Ôlho d'água (das), na sa. do Cajueiro, mun. de Uruoca. Alimenta pequena irrigação.

ALMAS. — Rch. (das), trib. do Trapiá, que por sua vez conflui no Capoeira, um dos formadores do Pendência, afl. do Salgado.

ALMAS. — Rch. (das), afl. da m. esq. do Jaguaribe. Vem da sa. do Condado e seu curso serve de limite aos mun. de Jaguaribe e Icó.

ALMAS. — La. (das), no mun. de Sobral.

ALMAS. — V. BITUPITÁ.

ALMÉCEGAS. — Sa. (das), no mun. do Crato. Braço da sa. do Araripe entre os r. Batateiras e Carás. Tem também o nome de Serrinha.

ALMÉCEGAS. — Sa. (das), no mun. de Lavras da Mangabeira. A sua ponta ocidental, entre os rch. da Pimenta e do Meio, separa o mun. de Lavras do de Várzea Alegre.

ALMÉCEGAS. — Rch. (das), no mun. de Lavras da Mangabeira. Brota de um ôlho d'água da sa. de seu nome e faz barra no rch. do Meio, afl. do Salgado.

ALMÉCEGAS. — La. (das), perto da costa, a 18 km a L da cid. de Trairi. As dunas movediças barraram-lhe o sangradouro, que até 1860 foi aberto várias vezes pelos moradores ribeirinhos, porém a partir desse ano não puderam mais vencer o ímpeto das areias. De águas salinas, cobre enorme extensão e é bastante funda, sendo talvez a maior lagoa do litoral cearense. Muito piscosa. As suas margens estão em parte ocupadas por pequenos plantios de mandioca, bananeira e fruteiras diversas. É de acesso difícil, por se achar encravada em uma região de tabuleiros extremamente arenosos. Da foz de seu desaguadouro, no mar, até a barra do rch. Calumbi, que nela deságua, separa os mun. de Paracuru e Trairi.

ALMOFALA. — Pequena ens. à foz do Aracatimirim, dá acesso a embarcações até 100 toneladas.

ALMOFALA. — Pov. à m. esq. e um pouco acima da barra do Aracatimirim, no dist. de Itarema, a cerca de 15 km dessa localidade, mun. de Acaraú.

A sua origem se prende à Carta Régia de 8-1-1697, determinando ao governador do Maranhão que se dessem de sesmarias aos índios tôdas as terras que lhes fôssem necessárias entre a barra do Aracatimirim e o Timonha. A medida foi sugerida ao rei de Portugal pelo jesuíta Assenso Gago e visava situar os Tremembé, que perambulavam pela costa, em al-

ALMOFALA

deias permanentes, livres de qualquer inquietação por parte das autoridades civis e dos moradores. Em consequência, o padre José Borges de Novais, que não era da Companhia de Jesus, fundou, em 1702, uma missão de Tremembé, no sítio Areocatamerim ou Aracatimirim, em tórno de humilde capela sob o patrocínio de Nossa Senhora da Conceição. A princípio chamou-se Missão de Aracatimirim, depois, até 1763, Nossa Senhora da Conceição dos Tremembé e, a partir de 1766, perdeu o nome indígena, tomando o de Nossa Senhora da Conceição de Almofala, com a criação da freguesia a 12 de setembro. Por Dec.-geral de 5-9-1832 foi extinta a freguesia, passando a pertencer à de Nossa Senhora da Conceição da Barra do Acaracu. Foi restaurada pela Lei n.º 139, de 15-9-1838, e finalmente supressa pela de n.º 283, de 15-12-1842, que a integrou de novo na da Barra do Acaracu.

A capela do padre João Borges de Novais, de taipa e coberta de palha, segundo a tradição, foi pouco depois substituída por uma igreja de alvenaria, pequena e elegante, certamente o mais belo templo do Ceará do 18 século. Grande parte dos materiais destinados à sua construção vieram da Bahia, lastreando as embarcações que vinham carregar carne-sêca no pôrto de Oficinas, no rio Acaraú. Daí seguiam em carros de bois para o local da obra. Tudo leva a crer que baianos eram os operários especializados nela empregados e de algum baiano ou reinol radicado na Bahia o risco da igreja.

Mais de um autor cearense apontou os jesuítas como os construtores daquela igreja. Não é exato. Sôbre o assunto é bastante elucidativa parte da nota constante ao pé da pág. 28 do v. III da *História da Companhia de Jesus no Brasil*, do padre Serafim Leite:

“Ao passarmos em 1934 no Ceará, disseram-nos que havia uma igreja da Companhia, em Almofala, nas margens do Aracati-Mirim. Em nenhum catálogo, carta ou documento jesuítico, que pesquisamos com atenção, vimos referências a tal igreja.

Nos escritores cearenses achamos notícias diversas. Resume-as a tôdas Gurgel de Alencar. Almofala, diz, “foi outra Aldeia de índios. A sua história começa em 1608, época em que os jesuítas aldearam os selvagens nas praias Lençóis. Ao lado de leste fica a igrejainha, de

ALMOFALA

bela arquitetura, que a Rainha D. Maria I, de Portugal, mandou edificar em 1702 para os índios Tremembés; é diferente de tôdas as outras igrejas do Ceará, no gôsto e na construção; tem o cunho das obras dos jesuítas”. (Gurgel, *Dicionário*, 23.)

Notícias inexatas como esta pululam em muitas histórias locais.

Os Jesuítas aldearam os Tremembés, não porém, em 1608, nos Lençóis nem em parte alguma. Em 1702, ainda não existia D. Maria I, que é filha de D. José, e a igreja é realmente diferente, pela fotografia que dela vimos, das obras dos Jesuítas. Mas, conjugando esta notícia com outra de Studart, temos a chave. Diz Studart que o P. José Borges de Novais, missionário dos Tremembés, começou os seus trabalhos em 1702 e edificou, em Aracati-Mirim, uma igreja, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. (Studart, *A geografia do Ceará*, na *Rev. do Inst. do Ceará*, 37 (1923), 308.) Studart não pronuncia o nome de Almofala; mas foi esse o que recebeu depois Aracati-Mirim. Não pertencendo à Companhia o P. José Borges de Novais, a origem daquela igreja não é jesuítica.”

A construção do templo se deve à Irmandade de Nossa Senhora da Conceição dos Tramambés, em data que não é fácil precisar. Conjetura o padre Antônio Tomás, baseado numa inscrição gravada na pedra de uma das portadas internas, que tenha sido em 1712, como se verá mais adiante. Talvez tenha sido o início, pois 46 anos depois, em 1758, José Lopes Barbalho e Francisco Rosa, como empreiteiros de serviços de construção da aludida igreja, passavam os seguintes recibos:

“Certifico eu abaicho assignado que estando na freg.^a do Ceará fuy chamado dos Irmãos de Nossa S.ra da Conceição do Tramambé p.a effeito de lhes fazer a Igr.a da d.a Sra. a qual com elles ajustey tanto paredes como madeiramento com hum corredor a roda por presso de Duzentos e Sesenta mil rs. p.te em animaes e p.te em dr.o de contado, cujo pagam.to me principiaraõ a fazer os Administradores da d.a Irmandade e o R.do Administrador Elias Pinto de Azevedo me entregou o ultimo pagamen.to e por estar pago e satisfeito servirá esta de quitação de paga: juntamente certifico em como estou pagõ e satisfeito do Presbitr.o que o R. P.e Elias Pinto de Azevedo a sua custa me mandou fazer, do Arco da Capella mor que o Cap.m Ignacio João e Luiz Vr.a commigo ajustaram, do Cruzeiro e portaes das portas Travessas que o R.P. Agost.o me encomendou, da porta principal e das Janellas do coro que o Tenente Franc.o Coelho de Carv.o e o C. Ignacio João Coimbra commigo ajustaraõ, e p.a a todo tempo constar desta verd.e e por eu estar em hua cama p.a morrer já com todos os

ALMOFALA

Sacramentos, e por esta cauza não poder fazer esta no L.º das contas da dita Irmandade como determinou o R. Viz.or Fr. Manoel de Jezuz M.ª pedy e requery a Manoel Gomes Correia esta por mim fizesse e assignasse com Testt.ª junto com o R. Vigr. da V.ª o D.ª Ant.º de Carv.º e Albuqr.º e Cayssara 30 de Abril de 1758. José Lopes Barbalho. Ant.º de Carv.º e Albuq.º e Manoel Gomes Correia.”

“Certifico eu abaxo asinado que fiz as portas da Igr.ª de N.ª Sr.ª da Conceição dos Tramambes por cujo feitio Recebi sincoenta mil Reis que me pagou o Rd.º P.º e Luis Fernandes de Carvalho Misionario que entam hera na d.ªta. Aldeya e de como estou pago e satisfeito dos ditos sincoenta mil Reis e de hu cavallo que me deu o Rd.º Administrador Elias Pinto de Azd.º este de quitação de paga cujas portas me mandou fazer o d.ºto Rd.º Micionario de madr.ª que tinha pronta para a d.ªta obra.

Juntam.ºte sertifico em como estou pago e satisfeito de trinta mil reis que o administrador e mais Irmãos ajustaram dar-me pela hobra da tribuna da dit.ª Igreja e por estar pago e satisfeito das ditas hobras e não se me dever dellas mais nada e ter Recebido os ditos trinta mil Reis da mão do Rd.º administrador Elias Pinto de Azd.º pedi e Rogei ao Tenente Joam Bapt.ª de Vergoza este p.º mim fizece e asinase com hua cruz p.º eu não saber ler e nem escrever. Hoje 17 de agosto de 1758. -|- de Franc.º Roza.” (Col. Studart, vol. 6.º, RIC, 9 (1895), 69-70.)

O pov. foi engulido pelas areias na última década do século passado. Os moradores dispersaram-se. A igreja permaneceu soterrada por longos anos e só há pouco emergiu da duna que lhe servia de túmulo.

O padre Antônio Tomás, testemunha ocular da agonia e da morte do povoado da Almofala, procurou recompor-lhe a história, mormente a da sua igreja, que para aqui traslado, na íntegra:

“ALMOFALA

A leste da cidade do Acaraú e distante da mesma 48 quilômetros, sobre a margem esquerda do rio Aracatimirim e a poucos passos do mar, estava situada a lendária povoação cujo nome serve de epigrafe a estas linhas.

Formavam-na duas únicas ruas de casas de modesta aparência que se estendiam paralelas de nascente a poente, por entre viçosos quintais ensombrados de coqueiros e bordados de canaviais.

ALMOFALA

Entre as ruas, do lado oriental, contrastando com a rude singeleza das demais edificações, elevava-se formosa igreja, de pequenas proporções, mas revelando na solidez da estrutura e na correção das formas o cunho e elegância de uma verdadeira obra de arte.

Ali postado ao pé daquelas humildes moradas, como o anjo tutelar da pequenina aldeia, o majestoso templo — aivo constante da solicitude, do carinho e veneração de todos — erguia suavemente para o céu a torre delicada e branca, lembrando porventura àquele povo despreocupado e feliz a inconstância e fragilidade das cousas da terra.

Ao longe, no recôsto de verdejante colina, olhando para a igreja, estava assentado o pequenino cemitério de muros caiados, silencioso e discreto, esperando tranqüilamente os que se iam da vida, para pôr-lhes no seio misericordioso o agasalho do último sono.

Mais longe ainda, disseminados pelos arredores, destacando-se da verdura do campo, lourejavam singelas casitas de palha, envoltas num ambiente de paz e serenidade bucólicas, enriquecendo a paisagem de suave poesia e indescritível encanto.

Era como um trecho de Éden aquela risonha e sossegada nesga de terra, onde nunca soaram as fanfarras do progresso nem os rumores da civilização, onde nunca lograram entrar os ouropéis do luxo, nem as ridículas extravagâncias da moda.

Mantendo-se da agricultura, da caça e sobretudo da pesca, ali vivia despreocupadamente um punhado de homens simples e bons, cujas modestas aspirações nunca transpuseram as raias do seu horizonte visual.

Seguindo o mesmo teor de vida, já por ali haviam passado sucessivamente muitas gerações desde as remotas eras do seu povoamento até a última década do século passado, quando sobreveio a catástrofe que, destruindo a aldeia, fêz fugir os seus últimos moradores para longínquas paragens, à cata de novos abrigos, como um bando de pássaros bravios aos quais houvessem desmantelado os ninhos.

Hoje nada mais resta de todo aquêlê gracioso conjunto senão uma vaga e saudosa lembrança na memória de poucos. O ameno e ubertoso sítio em que se ostentava a risonha povoação cobriu-se de sáfaro e extenso areal continuamente revolvido pela impetuosidade dos ventos.

Em tórno nenhuma sombra de árvore, nenhuma habitação de vivos.

Tudo aí é solidão e abandono, desolação e tristeza!

Pesa sobre êsses infestos lugares um silêncio de sepulcro apenas interrompido pelos uivos sinistros do vento a que respondem as inconsoláveis queixas do mar. Dir-se-ia que choram ambos a ausência da formosa aldeia, de cuja destruição foram, de certo modo, cúmplices.

Há entretanto ali alguma cousa ainda cuja vista desperta as mais dolorosas lembranças na mente dos que testemunharam o seu trágico desaparecimento, excitando ao mesmo tempo a curiosidade dos estranhos.

ALMOFALA

Quem porventura se encaminha para aquêles sítios começa a avistar, de muito longe, sôbre uma eminência branca, qual padrão de morte encimando uma sepultura, um vulto negro e disforme, cujos contornos se vão delineando à proporção que dêle se aproxima, até descobrir enfim o que venha a ser a espectral figura.

É a velha igreja, ou antes os restos da branca e formosa igreja de outrora, hoje destituída e de sombrio aspecto, entalada entre as areias de gigantesca duna.

O viajante pára ali instintivamente e deixa-se ficar longas horas embebido na muda contemplação daquelas sagradas relíquias.

Grandes e profundos reveses sucederam à malfadada igreja, antes de chegar àquele mísero e lastimoso estado.

As primeiras afrontas que ela sofreu partiram dos homens; os insultos dos elementos vieram depois.

Tinha honras e dignidade, bens e riquezas. Estas foram roubadas, aquelas suprimidas; e de senhora opulenta que era passou a ser miserável e fâmula.

Viu-se depois despojada dos seus santos que eram pedaços de suas entranhas, tolhida em suas funções sagradas que eram a manifestação de sua vida e, por cúmulo de maldade, privada dos seus sinos que eram os portadores das suas queixas. E assim deserta, paralisada e muda foi abandonada pelos homens.

Depois as areias afundaram-lhe o teto e pejaram-lhe o seio, o sol enegreceu-lhe a alvura, a chuva gretou-lhe os muros e desconjuntou-lhe as articulações, e o tempo desfez-lhe os raros encantos que ainda possuía, mutilou-a tôda. Daí em diante o vento que já fôra o portador do material que a obstruiu, não cessou mais de girar-lhe em tórno, tentando em gigantescos esforços aluir-lhe os fundamentos, enquanto o mar, na impotência de submergi-la em suas alterosas vagas, lhe atira de longe, de envolta com terríveis imprecações, a viscosidade corrosiva do seu bafo salsuginoso.

E o velho templo, resistindo ainda, com a serenidade estóica dos mártires, aos furiosos embates dos elementos conjurados para destruí-lo, eleva tristemente da brancura do sudário que o envolve a sua torre desfigurada, negra para o céu, lembrando aos que de longe a contemplam a inconstância e fragilidade das cousas da terra.

Sustenho aqui os devaneios que me vinha sugerindo a lembrança do extinto povoado de Almofala e das ruínas de sua igreja, para, assumindo ares de cronista, fazer uma breve exposição das principais datas e fatos que se relacionam com a sua história, desde a época de sua fundação até hoje.

Servirão de subsídio ao meu modesto trabalho o que sôbre o assunto escreveu Antônio Bezerra, algumas notas respigadas a custo nos livros velhos e já dilacerados da antiga irmandade de Nossa Senhora da Conceição daquela igreja e nos do tombo da paróquia, a notícia de

ALMOFALA

certos fatos guardada pela tradição e, finalmente, a lembrança que ainda conservo dos últimos acontecimentos ali desenrolados, dos quais fui, por bem dizer, testemunha ocular.

Haverá decerto muitas falhas e incorreções na minha narrativa, não só pela deficiência dos dados que pude colhêr, como principalmente pelo meu desazo na exposição dos mesmos, pois o mau artista, seja quanto e qual fôr o material de que disponha, jamais conseguirá produzir obra perfeita. A culpa, porém, não é minha, senão de quem me atirou aos riscos de tal.

Dado êste pequeno cavaco, entremos na matéria.

Começarei transcrevendo o que sôbre os primeiros povoadores de Almofala disse o paciente investigador das origens do Ceará acima citado:

“Descendentes dos índios Tramembés, foram os seus avoengos aldeados em 1608 pelos jesuítas, sobretudo pelo padre João Tavares, nas praias chamadas dos Lençóis ou Totoa (Tutóia).

êles habitavam o terreno compreendido entre a Serra Grande e o mar, desde o rio Mundaú até o Paraguaçu (Parnaíba) e tinham por chefe Juripariguaçu que, no dialeto tapuia, queria dizer *grande diabo*...

Parece que eram turbulentos, porque o capitão-mor do Ceará Jorge Corrêa da Silva, em setembro de 1671, enviou a Jericoaquara, onde êles se achavam, o ajudante Francisco Martins para tratar da guerra; e no ano de 1673, a 3 de novembro, Manoel Pereira da Silva, tenente do presidio do Ceará, seguiu em companhia do missionário frei Francisco de Sá para a serra de Ibiapaba com 50 soldados e 150 índios conseguindo fazer pazes e tratados de aliança com diversas tribos, inclusive aquela...

Não se contiveram ainda, em vista da carta de 1688 que concedeu a Urbano Rodrigues a mercê de reedificar a fortaleza no sítio *Piara* do Ceará, para dominar o gentio Tramembé e servir de sinal aos navios que iam ao Maranhão...

Tendo o padre Assenso Gago, da Companhia de Jesus, escrito ao rei de Portugal mostrando a conveniência de situarem-se os índios em aldeias pela costa que dista do Ceará ao Maranhão 200 léguas, e que lhes desse de sesmaria as terras que ficavam entre a barra do rio Aracatimirim e a do Timonha, Sua Majestade, por carta régia de 8 de janeiro de 1697 ao Governador do Maranhão assim o concedeu e ordenou que não se inquietasse o gentio nem os apartasse dos sítios que êles escolhessem para sua habitação, fazendo com que de nenhuma maneira se alterasse a sua posse, nem lha tirassem os brancos, mandando proceder com as penas condignas ao delito contra os que observassem o contrário...

ALMOFALA

Assim se procedeu, sendo o padre José Borges de Novaes o primeiro missionário que em 1702 os aldeou e viveu entre eles, construindo no sítio Aracatimirim uma igreja sob a invocação de N.S. da Conceição, cujo local chamou-se primeiramente Missão de Aracatimirim, mais tarde até 1763, N.S. da Conceição dos Tramembés, e de 1766 em diante (depois que por alvará de 8 de maio de 1758 el-rei estendeu aos índios de todo o Brasil as disposições dos alvarás de 7 de junho de 1755, em virtude dos quais era estendida aos índios do Maranhão e Pará a liberdade de suas pessoas, bens e comércio, dando-se-lhes preferência nos cargos de justiça e milícia) N.S. da Conceição de Almofala...

Em 18 de maio de 1759 o governador de Pernambuco Luiz Diogo Lôbo da Silva comunica ao capitão-mor do Ceará a vinda do desembargador Bernardo Coelho da Gama Casco àquela capitania, para erigir em vilas as aldeias dos índios que eram dirigidas pelos jesuítas...

Parece que aquela aldeia não chegou a ser erigida em Vila como a de Caucaia que em 15 de outubro daquele ano passou a chamar-se Vila de Soure, e que apenas foi denominada Almofala para perder o nome indígena como todas as outras; pois que sendo convidados a Pernambuco pelo governador todos os principais das aldeias do Ceará, compareceu em 16 de junho Manoel da Rocha de Almeida, capitão-mor dos Tramembés e requereu ser reunido com a sua gente à nova vila de Soure, o que suponho não foi atendido...

O desembargador Gama Casco também nunca lá foi demarcar a terra dos índios e lá ficaram eles..."

(Até aqui A. Bezerra.)

A humilde capela construída pelo padre José Borges de Novaes, nas margens do Aracatimirim, em 1702, a qual, segundo a tradição, era de taipa e coberta de palha, foi substituída, alguns anos depois, quando já a povoação havia tomado certo incremento, pela sólida e formosa igreja a que acima me referi, hoje em ruínas.

Nas minhas indagações sobre a sua origem, não encontrei o mais leve indício de ter sido edificada, como opinam alguns, por ordem do governo da metrópole, aliás tão remisso em beneficiar as suas colônias.

Inclino-me pois a aceitar a tradição legada por alguns velhos moradores do povoado aos seus descendentes, de haver sido ela construída a expensas da irmandade de Nossa Senhora da Conceição, anteriormente ali ereta e sob os auspícios dos padres que então dirigiam aquela missão.

Esta tradição é confirmada pelo compromisso da referida irmandade, em cujo capítulo XIV se lê o seguinte: "Esta irmandade como

ALMOFALA

fundadora e administradora desta igreja de Nossa Senhora da Conceição de Almofala, tem de obrigação... etc..."

E mais abaixo: — "Esta nossa igreja tem até aqui servido de matriz da freguesia da povoação de Almofala pelo oferecimento que a irmandade fez quando se criou a freguesia dos índios, por ser a única que existia e existe no lugar."

Diz ainda a tradição que foi o capitão-mor Manoel Rodrigues Ribeiro da Costa quem, de acordo com os missionários ali estacionados, dirigiu todo o serviço da construção da capela, a começar pelo transporte dos seus materiais que, vindos da Bahia e desembarcados no porto das Oficinas, distante de Almofala cerca de 25 quilômetros, foram para ali conduzidos em carros puxados a bois.

Em falta de outro documento que melhor nos oriente sobre a época da sua construção, seja-me lícito conjecturar que ela tenha sido concluída em 1712, servindo de base a esta conjectura a seguinte inscrição gravada na pedra de uma de suas portadas internas e perfeitamente visível ainda hoje:

XIX — X — XII

inscrição que provavelmente assinala a data de 19 de outubro de 1712.

Logo acima desta inscrição, vê-se igualmente gravada na pedra uma figura geométrica representando um triângulo equilátero com a base voltada para baixo, contendo dois ângulos retos, abertos ambos para cima, dos quais o inferior tem o vértice pousado sobre a base do triângulo.

Examinando-se atentamente a modesta gravação, nota-se o esmero com que foi executada e adivinha-se nela um reclamo do autor em favor da data que ele quis perpetuar, a qual incontestavelmente lembra um fato importante relativo à construção da igreja, senão o próprio dia da sua inauguração.

Existia ali, como já disse, a irmandade de Nossa Senhora da Conceição, fundada talvez ainda pelo padre Novaes, sob cuja guarda e dependência sempre se conservou a igreja.

Compunha-se da gente melhor e mais abastada não só daquela zona, como de diversas outras paragens distantes do povoado vinte, trinta e mais léguas.

Muitos dos que nela eram admitidos concorriam, logo no ato da entrada, com avultadas esmolas, ora em gados, ora em dinheiro, e às vezes em ambas as espécies, tornando-se ela assim possuidora de não pequenos haveres que despendia generosamente com a manutenção da igreja e decência e esplendor do culto.

ALMOFALA

A época do seu maior florescimento, conforme verifiquei dos livros de lançamento das entradas de irmãos e de receita e despesas, foi de 1730 a 1790.

O grande prestígio da irmandade se refletia diretamente no pequeno povoado que lhe era sede, podendo-se constatar a importância de que ele gozou nesses bons tempos pelo fato de nunca faltarem ali sacerdotes que curassem de perto as necessidades espirituais dos seus moradores e pela frequência com que aí compareciam os visitantes eclesiásticos, de cuja presença sempre lhe advinham as maiores vantagens.

Esses visitantes, a quem prestavam contas os administradores dos bens da irmandade, presidiam quase sempre a uma das suas sessões, na qual, segundo me parece, tinham voto deliberativo.

Entre outros de que fazem menção os alfarrábios que tenho à vista, citarei por ora o padre Manoel Machado Freire que ali esteve em 1747 e examinou as contas do administrador capitão João Vieira de Barros;

O padre doutor José de Aranda que em 1750, depois de tomadas as contas ao administrador Inácio João Coimbra, talvez porque as não achasse bem regulares, passou a administração ao então vigário Elias Pinto de Azevedo, "recomendando muito — diz o termo da nomeação ao reverendo administrador — ponha todo o cuidado no aumento da fazenda e bens pertencentes à irmandade da Senhora, de quem será retribuído nesta e na outra vida, conforme o zelo com que se houver, afervorando os confrades para essa pia devoção";

O carmelita frei Manoel Jesus de Maria que em 1753 autorizou ao vigário Elias Pinto, que continuava a gerir os bens da irmandade, a comprar a Manoel da Cunha Linhares a fazenda Bom Jesus com os gados nela existentes;

E o padre Luiz Fernandes da Cunha a quem prestou contas ainda o padre Elias em 1757, continuando este a exercer o cargo de administrador.

Em 1760 o visitador padre Veríssimo Rodrigues Rangel, achando-se na vila do Aquirás e não podendo ir a Almofala, requereu de lá lhe fossem remetidos os livros da irmandade para serem por ele examinados; e deixou exarada em um deles uma severa repreensão ao tesoureiro da referida irmandade, por não haver exibido as certidões das missas que, conforme o compromisso, deviam ser celebradas pelos irmãos falecidos; e mandou que fossem celebradas com maior brevidade as missas omitidas e que se abrisse um livro especialmente destinado ao lançamento das certidões de missas.

Nesse ano passou a administração dos bens da irmandade que, como vimos, lhe fôra confiada dez anos atrás pelo visitador doutor José Aranda, ao tenente Manoel da Cunha Linhares que em 1776 foi substituído pelo capitão Pedro Luiz do Rêgo Barreto, eleito pela irman-

ALMOFALA

dade, a qual voltou a exercer livremente a escolha dos administradores do seu patrimônio.

De 1790 em diante parece que a irmandade começou a declinar, sendo em 1795 já bem pouco lisonjeiro o seu estado; pois na sessão realizada a 25 de outubro desse ano, a diretoria autorizou o administrador a vender diversas fazendas "visto — diz o termo da ata — não haver mais gados para povoaem".

Em 1830 alguns dos seus membros mais distintos, no louvável empenho de levantá-la do abatimento em que se achava e encaminhá-la a uma nova fase de prosperidade, conseguiram, com a reforma do compromisso, regular melhor o funcionamento do seu organismo entorpecido.

Pouco porém aproveitou-lhe o remédio, vindo ela alguns anos depois a recair na sua antiga prostração da qual não mais se ergueu até o seu completo aniquilamento.

Voltarei agora ao meu primeiro ponto de partida, isto é à época do aldeamento dos Tramembés nas margens do Aracatimirim e à ereção de sua primeira capela em 1702 pelo padre José Borges de Novaes, para fazer menção, em ordem cronológica, senão de todos os sacerdotes que a curaram, quer como missão, quer como freguesia, ao menos daqueles cujos nomes se pôde salvar do esquecimento.

Não me foi possível descobrir quais, nem quantos foram os sacerdotes que substituíram o padre Novaes, durante os 23 anos que se seguiram à construção da capela. O primeiro nome que figura depois do dele é o do padre Agostinho de Castro Moura que ali viveu de 1730 a 1754, tendo deixado a direção da missão 2 anos antes, quando provavelmente foi criada a freguesia, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição do Aracatimirim, sendo substituído pelo vigário padre Elias Pinto de Azevedo.

Este abandonou a cura da paróquia dez ou doze anos depois, tempo em que obteve colação na freguesia de Vila Viçosa Real, onde suponho nunca teve residência fixa, e se a teve, foi muito mais tarde, pois vejo figurar o seu nome nas atas das sessões da irmandade até 1768.

Aparece simultaneamente com o padre Elias, a quem provavelmente sucedeu na cura da paróquia, o padre Francisco Xavier de Barros, não sabendo eu quanto tempo ali se demorou.

O primeiro mencionado depois dele é, em 1800, o vigário Francisco Moreira de Sousa, ao qual seguiram-se sucessivamente os padres José Gomes Ferreira, Manoel Antônio de Lemos Braga, Bernardo Clemente da Cruz e Oliveira, Domingos Teixeira Alves de Abreu e Luiz Martins dos Santos Araújo, o último sacerdote que ali residiu, já como preposto do vigário da nova freguesia a que ficou pertencendo Almofala.

Por decreto-geral de 5 de setembro de 1832 foi criada a freguesia de N. Senhora da Conceição da Barra do Acaraú, dentro de cujos limites ficou a de Almofala que por sua vez foi suprimida.

O seu último vigário pe. Manoel Antônio de Lemos Braga, acima citado, continuou a receber sua cônica "até que fôsse provido em novo benefício", o que sucedeu alguns anos depois, quando apresentado pelo Imperador ao Bispo D. João da Purificação Marques Perdigão para a igreja de São Mateus dos Inhamuns, nela obteve nova colação.

Em 1838 a Assembléa Provincial, cuja maioria era composta de adversários políticos do vigário da Barra do Acaraú, padre Antônio Xavier Maria de Castro, por decreto de 15 de setembro desse ano, transferiu a sede de sua freguesia para a capela de Santana, a 90 quilômetros de distância, e restaurou a de Almofala, sendo-lhe designados os mesmos limites anteriores ao decreto de 5 de setembro de 1832.

Foi seu vigário nesse tempo o padre Domingos Teixeira Alves de Abreu.

Pouco tempo depois a Assembléa Provincial já então dominada pelos correligionários do padre Xavier, que era também deputado à mesma, pelo decreto de 15 de dezembro de 1842, fez voltar, de Santana para a Barra do Acaraú, a sede da freguesia e suprimiu de novo a de Almofala.

Em 1844 os seus moradores dirigiram ao então presidente da Província José Maria da Silva Bittencourt uma representação em que se lhe pedia instantemente a restauração da freguesia.

Ausentara-se nesse tempo o vigário Xavier, deixando como seu substituto na cura da paróquia o padre João Francisco Dias Nogueira, a quem coube informar o Governo sobre a pretensão do povo de Almofala. Tão descabida pareceu ao padre Nogueira essa pretensão e tão desfavorável foi a informação dada por ele sobre o estado da povoação e da capela que o Governo indeferiu a petição do povo de Almofala.

Tenho presente a cópia do ofício do padre João Dias ao Governo, da qual transcreverei os trechos que se referem à igreja e à irmandade:

— "A matriz presentemente para sua decência falta de um tudo; não tem paramentos; a capela-mor precisa de imensos reparos, de uma sacristia que com oitocentos mil réis talvez não se ponha no seu primitivo estado."

"Existe uma apouquentada irmandade de cujas dádivas em bens do campo fez situar em terras próprias uma fazenda que rende anualmente cinquenta bezerros e vinte poldrinhos, conforme a estação do ano."

De então por diante começou verdadeiramente a decadência da

velha povoação se bem que a sua capela continuasse a gozar ainda de certo prestígio.

Em 1847 ali esteve o cônego Antônio Pinto de Mendonça que "encontrou a igreja — diz o termo da visita — destituída dos ornamentos precisos para a celebração do augusto sacrificio da missa e administração dos sacramentos; mas confiado no zelo e piedade do atual administrador que não só se empregará no reparo material do templo, como cuidará de o prover dos ornamentos necessários, concede licença para que se continue a celebrar na referida capela e nela praticar todos os mais officios divinos".

Em 1848 voltou ali o mesmo visitador que, conforme deixou exarado no livro de visita, "encontrou a capela em melhor estado do que na visita anterior, faltando entretanto algumas alfaias e reparos para melhor decência do culto divino, como sejam uma banquetta para o altar e o reparo deste que ameaça ruína, por estar a madeira carcomida e podre; pelo que convém fazer o quanto antes um novo altar para evitar que caiam as imagens e se despedacem".

Terminam aqui as minhas notas, algumas das quais desentranhadas, sabe Deus com que trabalho, de velhos e borolentos alfarrábios de folhas laceradas, cuja escrita ora ilegível, ora truncada, foi preciso muitas vezes adivinhar.

Entrarei agora na última parte do meu modesto trabalho que será a narração dos últimos sucessos anteriores ao desaparecimento do povoado, dos quais posso dizer que fui testemunha ocular.

Data de 1892, ano em que fui nomeado coadjutor da freguesia de Acaraú, a minha primeira visita à Almofala, a que se seguiram inúmeras outras; pois até 1898, tempo do seu aniquilamento, nunca deixei de lá ir uma, duas e até três vezes anualmente.

Nesse tempo os morros que depois vieram a sepultar o povoado já distavam dele menos de um quilômetro; e, à exceção de alguns otimistas que alimentavam ainda a esperança de que as areias passariam pelo lado do sul da capela, deixando-a ileso e talvez mais o povoado todos consideravam inevitável a catástrofe.

Já não encontrei ali senão uns restos da poderosa irmandade de outrora, então completamente esquecida do seu compromisso e incapaz de prover à cura e necessidades materiais da capela.

Celebrava-se entretanto ainda com bastante solenidade e extraordinária concorrência de fiéis a festa da padroeira.

As novenas que a precediam eram feitas por noitários, cabendo sempre uma delas aos índios que se esmeravam em dar à sua noite o maior esplendor e realce possíveis.

Viviam ali ainda numerosos descendentes dos Tramembés, consti-

ALMOFALA

tuindo uma sociedade à parte, casando-se entre si e conservando religiosamente certos usos e tradições, e alguns até mesmo a língua dos seus maiores.

Tinham o seu capitão cujas ordens obedeciam sem constrangimento, sobretudo quando estas visavam algum benefício material que se houvesse de fazer à igreja.

Era um gosto vê-los, em tempos de festa, sob a direção do seu chefe, umas vezes arrancando as ervas daninhas que cresciam ao redor da capela, outras varrendo cuidadosamente o adro, outras ainda adornando caprichosamente as portadas de arcos de palmas de coqueiro, etc.

Conheci o último desses capitães — o velho Tomé — falecido há poucos anos, o qual tinha em grande aprêço a sua autoridade e sentia-se verdadeiramente ufano quando o nomeavam pela sua patente.

Durante uma das minhas primeiras estadas na pitoresca povoação, fui convidado certo dia por um amigo para assistir a um *torém* — a diversão predileta dos índios. Espicaçado pela curiosidade, aceitei logo o convite e, à noite, nos dirigimos para o sítio aprazado que era um amplo terreiro destocado, limpo e convenientemente preparado para o fim a que se destinava.

Quando lá chegamos já havia muita gente, uns por curiosos como eu e meu companheiro, outros que deviam tomar parte no folguedo.

Veio colocar-se no centro da área um caboclo de meia idade, robusto e simpático, empunhando um maracá: era o diretor da função.

Ao lado via-se uma bacia de fôlha e uma xícara pousadas sobre um tamborete e debaixo d'este um garrafão de aguardente.

A bacia e o garrafão de cana, segundo me informaram, estavam ali em substituição à cuia e à cabaça de mocororó, a qual por sua vez tinha substituído ao pote de cauim usado primitivamente em semelhantes funções.

Os sons vibrantes do maracá tangido repetidas vezes pela ágil destra do "mestre sala" anunciaram que a festa ia principiar. Fiz-me logo todo olhos e ouvidos.

Da multidão ali reunida indistintamente adiantou-se para a área um homem seguido por uma mulher, depois outro cavalheiro com a sua respectiva dama, e assim sucessivamente foram saindo até uns 12 ou 14 pares que vieram, formando um círculo perfeito, colocar-se à roda do presidente. Ali postados, dando-se as mãos e conservando-as presas entre si, formaram uma cadeia viva que começou a girar em torno do chefe.

Este agitou de novo o maracá, mais brando agora, e ao compasso do mesmo entoou uma quadra a que os dançantes responderam em côro, cantando outra. E, dançando, continuaram alternativamente o canto, no qual não sei se lembravam histórias de amor ou se guerrei-

ALMOFALA

ras façanhas de alguns dos seus heróis; pois era expresso numa algarravia estranha de que não entendi uma única palavra.

Depois de executados inúmeros giros, cessaram a um tempo a dança e o canto, e uma das damas, destacando-se do círculo, encaminhou-se para o tamborete e, vasando na bacia uma porção da aguardente do garrafão, apresentou-a gentilmente ao diretor.

Este mergulhou a xícara na bacia e levou-a sófregamente aos lábios; depois deu um grande estalo com a língua no céu da bôca e... repetiu a primeira operação.

Servido o chefe, a encarregada das libações percorreu todo o círculo, apresentando a cada um dos convivas a bacia, enquanto a xícara ia passando de mão em mão, até que foram todos servidos, sendo ela a última a desalterar-se, mas em compensação, duplicando o "gole" a exemplo do chefe.

Findo o beberete, recomeçaram mais animados a dança e o canto que, a breves intervalos, foram de novo interrompidos para segunda e terceira distribuição de aguardente.

Em breve começaram a manifestar-se claramente em todos os convivas os variados efeitos da bebida; e já a dança e o canto eram entremeados de saltos e berros, quando felizmente uma cena burlesca veio pôr termo à função.

Um dos dançadores saiu precipitadamente do círculo e, de um pulo, encarapitou-se nos ombros do mestre-sala, em cuja cabeça pôs-se a bater compasso com o maracá que lhe arrancara da mão, enquanto com roufenha voz lhe ia arremedando o canto.

Ao invés do Tritão dos Lusíadas que, cavalgado por Dione, lhe sentia o péso.

"De soberbo com carga tão formosa" o pobre caboclo cujas pernas vergavam ao péso do importuno cavaleiro, dava as mais inequívocas provas de seu vexame e repugnância, procurando a todo transe desvencilhar-se d'ele.

Depois de vários saltos e cabriolas poude afinal, com grandes esforços, alijar de si o desgracioso fardo, entre os gritos, apupos e gargalhadas dos circunstantes.

E assim acabou-se o "torém".

A penúltima vez que celebrei na capela de Almofala e a última que ali administrei os sacramentos foi no começo do ano de 1898. Por esse tempo já as areias haviam obstruído as primeiras casas, do lado do nascente, das ruas que ladeavam a igreja, atrás da qual o morro ia crescendo progressivamente.

Já se haviam retirado da povoação muitos moradores que demoliam previamente suas casas para com o material das mesmas construir novas habitações em lugares mais abrigados.

ALMOFALA

Antes de desfeito o redil já as ovelhas começavam a fugir.

Comuniquei ao diocesano o precário estado em que se achava a capela e a impossibilidade absoluta de evitar-se a sua ruína. Em resposta à minha comunicação fui por ele autorizado a retirar as imagens para a capela do Tanque do Meio, dali distante cerca de dez quilômetros, com a instantane recomendação porém de que não o fizesse senão à última hora, isto é quando as areias já houvessem atingido o interior da igreja.

Cientifiquei aos moradores da povoação das ordens do diocesano e aguardei os acontecimentos.

Em junho do mesmo ano (1898) recebi um recado urgente do procurador da irmandade avisando-me que havia ruído uma parte do teto da capela que começava a ser invadida pelas areias.

Alguns dias depois o procurador veio pessoalmente entender-se comigo, confirmando o que me mandara dizer.

Prometi-lhe que oportunamente iria lá providenciar sobre o caso, e pedi-lhe que fôsse desde já dispondo os ânimos e cuidando das preparações preliminares para o transporte das imagens que deveríamos fazer processionalmente, ficando eu de avisar-lhe com antecedência, para conhecimento de todos, o dia certo da minha ida.

A 9 de outubro do mesmo ano para lá me dirigi, no intuito de dar cumprimento às ordens do diocesano.

O meu primeiro cuidado, ali chegando, foi visitar a igreja, encontrando uma das sacristias — a do lado da Epístola — já meio invadida pelas areias que, se escoando por um rombo no teto, vinham estender-se até a entrada que dava para a capela-mor. Uma espessa camada de pó cobria todo o pavimento, estendendo-se ao altar já despojado dos seus ornamentos e de suas imagens.

Estas haviam sido previamente recolhidas no batistério, o lugar mais abrigado da igreja e ao mesmo tempo o mais seguro. Os santos estavam ali debaixo de guarda; pois correria o boato de que pretendiam levá-los clandestinamente não sei para onde.

Desejando celebrar ali ainda uma vez, rendendo assim a minha última homenagem ao velho templo prestes a ser abandonado, talvez para sempre, resolvi fazê-lo pela madrugada, aproveitando o tempo em que o vento era mais brando.

Mandei pois limpar mais ou menos toda a igreja, sobretudo a capela-mor, e preparar convenientemente o altar, sobre o qual foi posta unicamente a imagem do Crucificado.

Anunciada de véspera a minha intenção, a igreja encheu-se literalmente antes da hora aprazada ficando ainda no adro uma compacta multidão que se ia avolumando cada vez mais; pois de toda a circunvizinhança afluía gente curiosa de ver a trasladação das imagens.

As quatro e meia horas da manhã comecei a missa a que assistiram cerca de três mil pessoas.

ALMOFALA

Não me lembra de ter visto, em toda a minha vida, uma multidão tão numerosa guardar tanta compostura, tanta imobilidade e silêncio como a que ali então se achava.

O assombro que dominava aquela pobre gente, na iminência de ser privada dos seus santos protetores, longe dos quais se lhe afigurava impossível a vida, parecia havê-la petrificado.

A reação porém veio depois, como adiante veremos.

Ao Evangelho falei aos circunstantes, expondo-lhes o motivo da minha presença ali e suplicando o concurso de todos para o bom e fiel desempenho da triste missão de que me achava incumbido.

Menos para tocar-lhes a sensibilidade do que para dissipar alguma animosidade porventura existente contra a medida que se ia pôr em prática, terminei minha alocução dizendo-lhes que a Santíssima Virgem lhes fazia naquele momento um apêlo sagrado como o último pedido de uma mãe moribunda a seus extremosos filhos, e era que tirassem dali, sem perda de tempo, a sua imagem e a levassem para o destino que lhe fôra designado pela autoridade eclesiástica.

Continuei a missa, e alguns momentos depois comecei a ouvir primeiro um murmúrio confuso que se elevava do meio do povo, depois como que gemidos, ais, soluços, e finalmente um concôrto de altas vozes plangentes dominando todos os outros rumores.

Concluída a missa, encaminhei-me ao local donde partia o estranho alarido, curioso de saber-lhe a causa.

Nunca me há de esquecer o espetáculo a que, de alma confrangida e olhos rasos d'água, então presenciei.

Ajoelhadas à porta do batistério, em frente às imagens escassamente iluminadas pelos vacilantes clarões de fumarentas lâmpadas de querosene, algumas mulheres, desfeitas em pranto, cantavam, ou antes gemiam um *bendito* à SS. Virgem, composto de quadras singelas em que se despediam dela com os mais ternos adeuses e a que respondia em côro a multidão, batendo rijamente nos peitos.

A êsse canto, já de si repassado de indizível mágoa vinham juntar-se os fundos suspiros de uns, as lamentosas exclamações de outros, os mal contidos soluços destas e as dolentes súplicas daquelas; formando tudo aquilo um grande côro angustioso, cujos ecos, reboando pela igreja afora, iam perder-se ao longe, no seio adormecido da floresta.

Dominando a custo a comoção de que me sentia prêso, dei ordens para que trouxessem os andores, já de antemão preparados para o transporte das imagens, e pedi aos meus auxiliares que ativassem a organização do préstito; pois convinha aproveitar a fresca da manhã para a extensa caminhada que tínhamos a percorrer.

Estava eu ocupado em colocar um dos santos sobre o andor, quando me vieram dizer que, atrás do morro fronteiro, estava acampado um grupo de caboclos armados, aguardando apenas ordens dos seus chefes, para virem obstar a saída das imagens. Indaguei logo quem

ALMOFALA

eram êsses chefes e mandei um emissário pedir-lhes o obséquio de vi-rem entender-se comigo. Não tardaram muito a aparecer. Recebi-os na porta principal da igreja. A circunstância de achar-me eu nesta ocasião revestido de sobrepeliz e estola me fêz lembrar as cerimônias da recepção oficial dos bispos, faltando ali apenas o hissope d'água benta para completar a ficção.

Eram dois cabras musculosos e mal encarados. Um — o José Caboré — trigueiro e alto, de olhar insolente, nem ao menos se dignou tirar-me o chapéu, grande chapéu de couro, de aba revirada na frente deixando à mostra um cacho da cabeleira revôlta. O outro — o Pedro Duro — mais baixo, mais claro e menos arrogante que o seu companheiro, descobriu-se logo ao chegar.

Vestiam ambos calças e camisas de algodão, e estavam armados de grossos cacêtes dignos de respeito, e porventura de agudos punhais, mais respeitáveis ainda.

Chamando aos lábios um sorriso (cousa aliás bem difícil naquele momento) e adiantando-me para os dois, perguntei-lhes, no tom da maior familiaridade, os motivos por que se opunham à retirada das imagens. Então, medindo com seu tórvo olhar a exiguidade de minha pessoa, falou o Caboré, enquanto o outro ia aprovando, com leves inclinações de cabeça: — Saiba vossa senhoria, seu vigário, que as imagens não saem daqui porque não queremos; não consentimos que as levem para nenhuma parte e muito menos para o Tanque do Meio.

Observei-lhes a sem-razão da sua resistência a uma medida que se tornava necessária em vista do estado da capela, e que aliás fôra ordenada pelo bispo.

Lembrei-lhes que as imagens iriam para uma capela perto dali, onde êles poderiam fâcilmente visitá-las e prestar-lhes os seus cultos; repeti o que havia dito na missa, e depois de muitas considerações terminei dizendo-lhes que esperava que êles, como filhos amantes que eram da SS. Virgem não haveriam de desgostá-la opondo-se às ordens do nosso bispo, antes viriam auxiliar-me no transporte da sua imagem para o ponto indicado.

A nada disto porém atenderam os dois teimosos contendores, que se retiraram, asseverando antes que as imagens não sairiam dali nem à mão de Deus Padre.

Perdida assim a esperança de convencê-los e resolvido por minha vez a levar a cabo a minha tarefa, chamei a fala o subdelegado do termo — tenente Joaquim Martins dos Santos Filho — que então ali se achava, e, comunicando-lhe o ocorrido, cientifiquei-lhe da minha resolução e pedi se dignasse tomar as providências que o caso exigia. Lembrei-lhe que o meio mais fácil de prevenir um conflito que me parecia iminente, seria efetuar a prisão dos dois chefes, antes que êles se fôssem juntar ao bando de sequazes e exacerbar-lhes mais os ânimos.

ALMOFALA

Concordou comigo o subdelegado; e enquanto combinávamos a melhor maneira de levar-se a efeito a prisão projetada, eis que uma mulher do povo — a Joana Camelo — entrando sorrrateiramente na igreja, por uma das portas laterais, apoderou-se de uma das imagens e, abraçada com ela, correu desabaladamente em direção ao acampamento dos sediciosos.

Essa imagem era uma escultura de madeira de 77 cm de altura, representando N.S. do Rosário.

No meio do silêncio e estupefação geral produzido por aquêlê rasgo de audácia, bradei aos homens mais próximos a mim, que fôssem reaver a imagem roubada. Ninguém se moveu.

Recomendei então que pusessem guardas às outras imagens, e atirei-me sôzinho ao encalço da fugitiva, entre vivos protestos e clamores às instâncias, sobretudo das mulheres “que me não expusesse a alguma desgraça”.

A breve trecho, vi-me ladeado por dois homens, os únicos que se decidiram a afrontar os riscos da temerosa emprêsa a que me abalançara.

Quero deixar aqui consignados os nomes dêsses dois dignos e valentes companheiros, hoje infelizmente já mortos, como um reconhecimento à sua generosa dedicação.

Um era o senhor José Cassiano de Menezes, meirinho, morador nesta cidade do Acaraú; o outro o senhor Miguel Monteiro dos Santos, agricultor residente no sítio S. Vicente, uma légua distante do teatro dos acontecimentos que venho narrando.

Apenas alcancei a fugitiva, travei-lhe do braço e intimei-a a entregar-me a imagem. Ela resistiu descsperadamente à minha intimação, enquanto Caboré e Duro brandiam ameaçadoramente os cacêtes e numa espécie de fúria, a Maria Caboré, empunhando um tamanco, jurava quebrar a cara de quem se aproximasse. Consegui entretanto, auxiliado por Miguel Monteiro, enquanto Cassiano, com uma das mãos atirava por terra a fúria do tamanco e com a outra, munida de um cacête, aparava a pancada descarregada por Caboré sôbre Monteiro.

Nesse ínterim já alguns homens, repesos do desânimo que pouco antes os acometera, vinham chegando em nossa defesa.

Então “fechou-se” o tempo, como lá diz o povo na sua glória, e naça mais se ouviu senão o estalar dos cacêtes e o vozear clamoroso do mulheril alvoroçado que, correndo para o lugar do conflito, bradava desesperadamente pelos maridos, filhos e irmãos nêle envolvidos.

Enovelado eu também naquela onda revôlta, procurava esforçadamente mas debalde serenar os ânimos e fazer cessar a luta. Esta porém prolongou-se ainda por alguns minutos, vindo a terminar pela debandada dos sediciosos e captura de dois dos mais rebeldes, que, de mãos atadas, foram levados à presença do subdelegado.

ALMOFALA

Chamava-se um deles João Reinaldo; o outro era o Pedro Duro que trazia uma brecha na cabeça e diversas contusões pelo corpo, desmentindo assim a sua alcunha, ao passo que o Caboré, confirmando admiravelmente a sua, tinha mais que depressa "voador".

Era de ver-se a humildade e o arrependimento que manifestavam os presos.

Compadecido deles consegui que se lhes desse liberdade para irem tratar de suas feridas; e convencido de que havia cessado o perigo de nova oposição à saída das imagens, dei logo ordens para se concluírem os preparativos para a marcha.

Momentos depois aquelas disputadas relíquias — cinco velhas e grosseiras imagens representando Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Rosário, S. José, São Miguel Arcanjo e S. Benedito acompanhados por quase todo o povo que ali se achava, seguiam processionalmente para a capela do Tanque do Meio onde chegamos antes do meio-dia.

Aí vim a saber, com grande nojo, que o plano de oposição à retirada das imagens da capela de Almofala, fôra concebido pelo espírito mesquinho de um sórdido vendeiro que as desejava no Panam, perto de si, para servirem de chamariz de fregueses ao seu comércio.

Era, porém, tão covarde esse "cavalheiro" que, tendo armado o braço dos pobres caboclos, para a glória empreitada, lá se deixou ficar metido comodamente em sua toca a salvo do perigo a que os atirava.

Convém notar, em abono dos meus fregueses e conterrâneos, que felizmente não era acarauense esse tipo de Asahverus que para ali viera estabelecer-se exclusivamente à procura de ganho.

A tarde desse mesmo dia — 10 de outubro de 1898 — com o espírito ainda aturdido pelas várias comoções experimentadas no breve espaço dessa aziaga manhã, regresssei ao Acaraú, onde uma alma prestes a abandonar a terra reclamava urgentemente a minha presença.

Os raros objetos que haviam ficado na capela de Almofala, depois da retirada das imagens, foram levados com a autorização do diocesano, uns para o Tanque do Meio e outros — um púlpito, dois sinos, um cálice e uma âmbula, para a matriz desta cidade.

E depois de despojado ainda de tudo o que dele se pôde arrancar lá se ficou o templo esquecido e abandonado de todos e para sempre.

Já então era êle o único vestígio da extinta povoação de cujo local havia desaparecido até o miserável casebre.

Volvidos mais alguns anos, quando desfeitas as suas ruínas, forem sepultadas pelos morros que as circundam, custar-se-á a crer que ali demorou uma florescente povoação e existiu uma formosa igreja servindo de sede à paróquia constituída por seus numerosos habitantes.

E ninguém saberá mais dizer ao certo o lugar onde foi Almofala.

Despeço-me agora, com mil agradecimentos e desculpas, do paci-

ALMOFALA

entíssimo leitor que me acompanhou até aqui, dando por terminada a tarefa que me impus de contar-lhe a história da legendária povoação cujo nome — Almofala — se é verdadeira a significação que lhe dão os lexicógrafos de: arraial onde se vive temporariamente — não lhe podia ter sido mais fatídico." (Dinorá Tomás Ramos, *Padre Antônio Tomás*, 169-199, Fortaleza, 1950.)

* * *

Despojada dos seus santos e alfaias, posta ao abandono, não tardou a igrejinha ser saqueada. Roubaram-lhe as portas, o tabuado do assoalho e até peças de cantaria.

A quem se interessar por Almofala, é de imprescindível consulta o estudo de Florival Seraine — *Sôbre o Torém* —, RIC, 69 (1955), 72-87, onde lendas, danças populares, organização sócio-cultural e elementos étnicos dos seus modernos e antigos moradores são postos em relêvo numa investigação segura e honesta.

ALMOFALA

Rodrigues de Andrade

I

*Em frente à igreja de antiquado estilo,
Mas de elegante e sólida fachada,
Os casebres se alinham de um pugilo
De Tramambés e gente mestiçada.*

*Esgalha em tórno a víride ramada
Do cajueiral, farto e seguro asilo
Das aves quando a ventania irada
No coqueiral desfere alto sibilo.*

*Perto um regato múrmuro coleia,
Longe um lençol de movediça areia
Que o mar sacode, caminhando vem.*

*Ali, na sombra da ramagem fresca,
Vive essa gente aos réditos da pesca,
Feliz no samba e às árias do torém.*